

## 'RI' AHO DARÓ\* PLANEJAMENTO INTEGRADO

(\*) **Relação entre os seres vivos num espaço e ambiente com muitas casas próximas (XAVANTE).**

**W. J. Gaspar, S. A. Röhm, E. Januário**

### RESUMO

Analisa a experiência obtida tanto na disciplina de Ciências desenvolvida com indígenas de diversas etnias na Universidade do Estado de Mato Grosso, acompanhando seus modos de vida e suas peculiaridades, como nas visitas em aldeias do Estado do Mato Grosso. Após a contextualização da disciplina recheada de exemplos, é apresentado o planejamento “urbano” integrado e sustentável exercido nessas aldeias, verificando-se, em diversas etnias, o processo de desmembramento e a sua transmutação, função do crescimento da população e preservação do solo. A intenção principal é suscitar a discussão sobre a relação entre as aldeias, o ambiente circundante e a importância do território, apontando a linha sutil de separação – se é que ela existe – entre as áreas ocupadas e o ambiente natural circundante.

### 1 INTRODUÇÃO

“Minha casa está viva”. Com essa frase iniciou-se uma entrevista com o índio Korotowi Taffarel da etnia Ikpeng, na mesma noite em que defendeu seu mestrado pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Brasil, na cidade de Cáceres (MT). Esse assunto será abordado mais adiante, logo após a contextualização das primeiras experiências obtidas a partir do mês de janeiro de 2009, juntamente com cinquenta e oito alunos de Especialização em Educação Escolar Indígena da UNEMAT, de dezesseis etnias indígenas (Figura 1) do Estado do Mato Grosso – Brasil.



**Fig. 1 Turma de 2009: Especialização em Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) – Brasil. Foto: Selleri (jan/2009).**

No decorrer desta experiência, foi possível acompanhar o modo de vida e as peculiaridades desses grupos indígenas, além de visitar as aldeias das etnias Paresi, Ikpeng e Xavante, em Terras Indígenas (TI) no Estado do Mato Grosso – Brasil. Nessa óptica também foram coletadas informações junto à Aldeia Tekoa Pyau, onde 260 indígenas da tribo Guarani vivem em condições precárias na periferia da Cidade de São Paulo – Brasil.

Dentre os aspectos observados na apresentação da disciplina, cabe ressaltar sobre o planejamento “urbano” cotidianamente e coletivamente exercido nas aldeias. Coletivamente, pois verifica-se que grande parte desses povos mantém sua cultura discutindo em grupo (condição básica da vida sócio-cultural intensiva e seus critérios de igualdade) todos os pormenores que envolvam o bem estar de sua aldeia (cidade).

Antes da chegada do não-índio, esses ensinamentos eram transmitidos para as novas gerações através da oralidade. Após a catequização com os “mestres” jesuítas, que por um lado foram capazes de criar vergonha em corpos nus e fazer crer que povos profundamente religiosos não acreditavam em nada (solapando sistematicamente a alma indígena), por outro ensinaram professores indígenas a utilizar o alfabeto romano para representar graficamente os sons de suas palavras, com o intuito de preservar os ensinamentos deixados pelos anciões.

Segundo as indicações dos índios presentes em sala de aula (com média etária de 30 anos), o desmembramento e a transmutação de aldeias, em função do crescimento da população e preservação do solo, foi prática constante até a década de 1960 em diversas etnias. Por outro lado, verificou-se que a presença de missionários, bem como postos da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), aliado a necessidade de tratamento de doenças transmitidas do contato com o não-índio, influenciou nas características de nomadismo desses povos, tão peculiar e necessária desde os primórdios.

Grande parte dos assuntos discutidos na disciplina de Ciências, que regularmente inquietam os planejadores urbanos, pôde ser correlacionado com aspectos que envolvem florestas, tais como: Qual o motivo principal da mudança da aldeia a cada 15 anos? As mudanças propiciam a alteração na forma concêntrica? Como é definido o novo território, ou sítio urbano? O conjunto e a posição das casas, com os diversos graus de vizinhança, se mantêm? Já que a mulher moça se casa após as primeiras menstruações – 15 ou 16 anos – a mudança propicia um rearranjo na relação social? Existe alteração na unidade familiar? Questão dos mortos (cemitério)/ relação com o local (matéria); Relação com a Natureza (apego, mitos, lugares); Relação com o passado; Aspectos da memória e esquecimento; Há a necessidade de proximidade da água? Atravessam o rio? Derrubada da mata – destinação da madeira; Resíduos; Aspectos da infraestrutura; e principalmente: Quais as consequências da não mudança da aldeia?

Parte das questões abordadas são relatos inéditos que, dentro da sua simplicidade, podem colaborar no tão desejado Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável.

## **2 ASPECTOS DA DISCIPLINA**

Sendo um curso de pós-graduação para professores indígenas, a maior preocupação foi preparar a disciplina de Ciências visando fornecer elementos para que o contato com a natureza continuasse a se fazer harmonicamente, de forma a desenvolver atitudes científicas (observação, análise e registros) na produção de conhecimentos que

contribuíssem com a manutenção da cultura, bem como a assimilação de outras culturas que viessem corroborar para a melhoria da qualidade de vida do grupo (GASPAR, 2009).

Sob essa óptica reiteramos os aspectos da preservação, manutenção e divulgação da identidade cultural e histórica das etnias indígenas, salientando a necessidade de apresentação de ferramentas que pudessem ser usadas para a preservação, não só na manutenção da identidade, mas também, e principalmente como instrumento balizador na integralização das terras indígenas. Em suma, revisar aspectos que pudessem ser usados em sala de aula como termo de comparação aos exemplos fundamentais de cada etnia, bem como capacitar os alunos no entendimento de ferramentas e métodos que poderiam ser utilizados e reproduzidos nas respectivas aldeias junto aos seus alunos.

De forma resumida, o programa da disciplina foi apresentado na seguinte ordem:

- i. Os quatro elementos – Terra, Fogo, Água e Ar;
- ii. Os cinco sentidos – Visão, Audição, Paladar, Olfato e Tato;
- iii. O cotidiano – Floresta, Química, Saúde, Poluição, Construções e Assentamentos.

De maneira geral, optou-se por utilizar questões básicas como os quatro elementos e os cinco sentidos, na expectativa de correlacioná-los gerando assuntos de fácil entendimento e reprodução. Para que isso fosse alcançado e buscando-se dinamizar as aulas, buscaram-se assuntos pertinentes ao cotidiano das aldeias, utilizando-se da confecção de desenhos para aprofundamento em diversos tópicos. Como exemplo dos assuntos abordados pode-se citar desde o uso de plantas medicinais na prática da medicina tradicional e sua correlação com as formas empregadas em laboratórios para a extração de seu princípio ativo, como o uso de alguns elementos da natureza para a marcação do tempo e mesmo a confecção de adornos e enfeites tão representativos nas diversas etnias.

De certa forma procurou-se acalentar uma das mais antigas e principais formas de transmissão da informação, para tanto foram solicitados dois desenhos compositivos individuais em folha sulfite na forma estilizada. O primeiro foi produzido em branco e preto ou escalas de cinza e o outro colorido. Foram sugeridos os seguintes temas: água e fogo; quatro estações; paisagem rural; floresta natural/exótica; cotidiano da aldeia; figuração humana; ambiente; um detalhe como tema; grafismo infantil; animais; e artesanato sagrado (Figura 2).

Em determinados momentos foram utilizados textos curtos (duas ou três páginas) em sala de aula como bibliografia referencial aos assuntos que assim o exigiam. Por exemplo, quando se comentou sobre a audição usou-se a correlação do aprendizado através da oralidade – ainda preservado por algumas etnias. Nesse caso, o texto de Paulo Freire sobre “...a leitura do mundo antes mesmo da leitura da palavra...” (FREIRE, 1982, p.11) conseguiu exemplificar de forma muito clara o assunto desenvolvido.

Aspectos sobre cosmologia, envolvendo a formação do mundo (“Big Bang”), tectônica de placas, ciclo das rochas e características geológicas e geotécnicas em diferentes escalas, foram realçados nos seminários sobre a marcação do tempo e criação do universo. As apresentações, em sua maioria, foram “recheadas” de curiosas histórias, abordando percepções que envolviam não só aspectos científicos, mas também mitológicos e poéticos, dentre elas:

*“O vento soprou frio, Tugiga para se proteger começou a fazer pinturas em seu corpo, fez um traço na face, uma faixa na fronte, e percebeu no reflexo da água que as cores à*

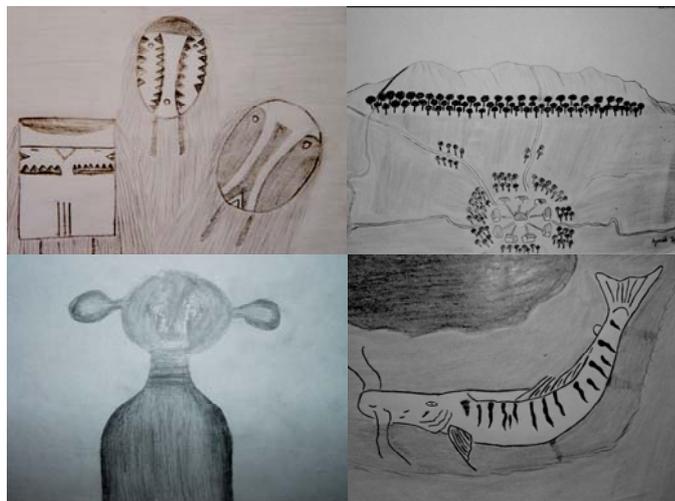
*medida que a enfeitava, deixava-a mais bonita. Então passou a pintar seu corpo, sua imagem refletida era percebida, também, pelo sol que fitava-lhe o corpo com sua luz aquecedora. O sol vislumbrado pela beleza de Tugiga, não quis que suas pinturas se desfizessem. Por isso Tugiga foi transformada em uma flor que embeleza as margens dos córregos. A beleza da flor é reproduzida nas pinturas faciais e corporais até hoje.”*

Etnia Bororo

*“Geralmente a lua entra em eclipse à noite. Os Bakairi acreditam que a lua jorra sangue nesse momento, por isso pintam a face com carvão e polvilho para evitar o contato que pode deixar pintinha preta na pele.”*

*“Nós do povo Tapirapé sabemos da chegada de tempo da seca, pois há muitas Borboletas amarelas voando, também o pássaro Martim Pescador começa aparecer na aldeia.”*

Xario'i Carlos Tapirapé



**Fig. 2 Exemplo de desenhos desenvolvidos na disciplina de Ciências (jan/2009).**

Os quatro aspectos detalhados a seguir (construtivos; uso da química e aspectos da saúde; assentamentos humanos em florestas e impactos ambientais), complementam e apresentam – de maneira resumida – a dimensão dos assuntos abordados em sala de aula:

## 2.1 Aspectos Construtivos

Nesse item optou-se por demonstrar o caminhar dos esforços em peças estruturais, a vantagem do uso de formas curvas (arco), o acréscimo de inércia quando da alteração da seção transversal de algumas peças e a diferença de resistência para materiais naturais distintos.

O intuito foi principalmente de suscitar, através de comparações, correlações com as formas presentes na natureza e os processos construtivos adotados pelos índios e não índios, bem como as possibilidades de uso de diversos materiais e formas dos mesmos, não só para construção de suas moradias e esculturas sagradas, mas também nos utensílios diários, adornos e ferramentas. Em suma, correlacionar as formas presentes na natureza buscando entender o que lhes confere maior rigidez, e de certa maneira aproveitar desses “desenhos” e materiais disponíveis, analisando através de pequenas alterações de suas formas, um ganho de resistência e suas implicações em diversos métodos construtivos utilizados em suas vidas cotidianas (Figura 3).



**Fig. 3 Construção de casa tradicional na Aldeia Moygu no Médio Xingu: Mato Grosso – Brasil. Foto: Korotowi Taffarel (jan/2010).**

O uso de materiais como sisal, palha, bambu, madeira, rocha, diversos tipos de solos presentes na natureza, foram comparados através de exemplos com o uso do aço, alumínio, concreto e vidro, bem como às formas presentes na natureza e o caminhamento e absorção dos esforços, demonstrados através de correlações:

- i. O efeito das nervuras das asas da libélula e as placas nervuradas;
- ii. O momento causado no encontro dos galhos muito extensos com o tronco das árvores e a vantagem da diminuição da seção transversal quanto mais distante do engaste. Foram apresentados exemplos da arquitetura de Antoni Gaudi (1852 – 1926) como referência às formas construtivas naturais.
- iii. Em contraposição, o galho da araucária que é praticamente de mesma seção, resistindo aos esforços através do enrijecimento junto ao tronco;
- iv. Tirantes tracionados de diversos materiais, principalmente fibras, usados cotidianamente pelas diversas etnias;
- v. O molde da forma e sua otimização através da preocupação na ocupação do espaço ecologicamente correto, com o uso do corpo como gabarito, demonstrada na construção do ninho dos pássaros, como o tinhorão e o João-de-Barro, ou a forma hexagonal dos favos das abelhas conferindo-lhes maior rigidez;
- vi. O uso das formas encontradas na natureza e a possibilidade em se vencer grandes vãos absorvendo esforços através de seções ínfimas. Exemplos correlacionando forma x esforço x material foram apresentados: A casca do ovo e as cascas em concreto; o processo construtivo da casa do João-de-Barro e as estruturas em forma de cúpulas; a comparação entre a construção dos cupinzeiros em balanços sucessivos com solos cimentados e a construção de pontes em balanços sucessivos; o aproveitamento do princípio de sustentação da trama conferida à teia de aranha e suas implicações nos cabos tracionados; os arcos utilizados para construção das casas tradicionais e sua correspondência com a caixa torácica humana; a semelhança entre as nervuras do casco da tartaruga, a estrutura de cobertura das casas indígenas e as estruturas geodésicas.

## 2.2 Uso da química e os aspectos da saúde

Buscando despertar o interesse dos alunos em assuntos que poderiam ser aplicados nas respectivas aldeias e, com o intuito de apresentar os procedimentos que poderão ajudar, aqueles alunos que assim necessitarem, na elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso

(TCC), optou-se por abordar questões dentro da química associadas à fitoterapia, analisando-se o processo de extração do princípio ativo das plantas.

Para visualização do desenvolvimento dos ensaios, os alunos puderam acompanhar, no laboratório de química, o processo para extração do óleo de gengibre. Sob esse aspecto foi apresentada a pesquisa com o uso de óleos bactericidas para controle de insetos transmissores da Doença de Chagas.

Com base nas informações divulgadas na mídia impressa e televisiva mostrando a desnutrição de crianças, optou-se por inserir no programa da disciplina de ciências um tópico abordando aspectos mínimos de saúde e higiene alimentar. Dessa forma, foi apresentada a fórmula bem aceita e de fácil determinação para cálculo de Índice de Massa Corpórea e o cálculo para determinação de Calorias Mínimas Diárias, tanto para homens como para mulheres, dando uma idéia aproximada da necessidade calórica diária. Lembramos que a classificação feita pela Organização Mundial da Saúde não é especificamente direcionada para comunidades indígenas brasileiras.

Quanto aos aspectos de manipulação de alimentos e métodos de conservação, observaram-se os procedimentos para dificultar a proliferação de bactérias através da redução da temperatura (nem sempre possível em comunidades indígenas), adição de salmoura e acidificação através da adição de vinagre ou limão.

### **2.3 Assentamentos humanos em florestas e impactos ambientais**

A intenção ao abordar este assunto entre as diversas etnias foi suscitar a discussão sobre a relação entre as aldeias, o ambiente circundante e a importância do território. Abordaram-se aspectos relativos aos impactos ambientais e a necessidade de sobrevivência, a disseminação de espécies e as tradições, a restauração natural do ambiente e a cultura, a racionalidade no uso de recursos e as diversas formas de captação de energia, a qualidade de vida nos assentamentos humanos temporários, permanentes e sustentáveis. Se existe uma separação entre as áreas ocupadas pelas aldeias e a floresta ao redor, onde ela se dá? Aspecto de extrema importância para a descoberta do ponto onde se dá a fusão entre o saber científico e o saber tradicional fundamentados nas leis que regem os sistemas naturais (físicos e biológicos).

Grande parte dos assuntos discutidos na disciplina de Ciências puderam ser correlacionados com aspectos que envolviam florestas. Assim, sua importância foi discutida não somente na produção de isopreno influenciando na precipitação, ou na estabilização do clima através da absorção do dióxido de carbono (co-responsável pelo aquecimento global), ou pela liberação de minerais através da ciclagem de nutrientes, mas principalmente como um local de refúgio àqueles que a habitam, possibilitando uma sintonia com um mundo invisível. Através dos tópicos Pegada Ecológica, Pegada de Água e Pegada de Carbono, foi possível correlacionar assuntos relacionados ao Zoneamento Econômico e Ecológico do Estado do Mato Grosso, bem como as respectivas terras indígenas ali inseridas.

Observou-se que o ponto culminante foi o documentário sobre os remanescentes Guaranis da aldeia Tekoa Pyau (Figura 4), que vivem “aprisionados num condomínio murado” no Bairro periférico Jaraguá da cidade de São Paulo. O aspecto geral da aldeia se compara às

favelas da metrópole, entretanto diferentemente dos bairros ocupados desordenadamente ao seu redor, os moradores não estão ali por vontade própria...



**Fig. 4 Aldeia Tekoa Pyau – Periferia da Cidade de São Paulo – Brasil. Foto: Gaspar (nov/ 2008).**

Através de desenhos coloridos em papel pardo, os alunos representaram individualmente em escala livre, o mapa mental de suas aldeias (Figura 5), áreas desmatadas do entorno para plantio, trilhas e caminhos, isso é: usos e abrangência dados pela comunidade para a ocupação da mata, realçando, naquelas etnias onde esse fato era importante – como para os Paresis – a posição das portas das casas tradicionais em relação aos pontos cardeais, ou a relação direta com os córregos que serpenteiam algumas aldeias – Umutinas.



**Fig. 5 Mapa mental desenvolvido pela aluna Maria Ilda Iupjusi na disciplina de ciências da aldeia do povo Irantxe. Foto: Gaspar (jan/2009).**

## 2.4 Aspectos conclusivos sobre a disciplina

Mesmo com tantas etnias presentes em sala de aula, com hábitos, tradições e costumes diferentes, até os assuntos mais polêmicos e misteriosos como processos abortivos, sequestro de crianças de aldeias vizinhas, questões que envolviam o homossexualismo e a bigamia ou o consumo excessivo de bebidas alcoólicas nas aldeias, em todos os momentos foram tratados com extremo respeito.

Em diversas ocasiões, observou-se certo individualismo exigido pelos alunos indígenas em relação às suas perguntas. Mesmo que as respostas pudessem ser de cunho coletivo, o aluno preferia que fosse dirigida somente a ele. Outro fato digno de observação são aquelas questões que incitam as bases da cultura de cada povo, onde muitas não são respondidas de imediato. Verificou-se (Xavante) que o assunto muitas vezes é discutido exaustivamente entre os homens da respectiva etnia, sem a presença do professor, e a resposta ou o tema retorna posteriormente, com respostas sutis e muitas vezes curtas, entretanto com uma profundidade filosófica dificilmente encontrada em outros grupos de alunos não-índios.

Ainda para a etnia Ikpeng, não existem músicas tristes, mas sim aquelas para espantar a tristeza como do momento de despedida do falecido ou ainda a importância do ritual da tatuagem para os meninos Ikpeng nos ensinamentos sobre conduta, ética respeito e preservação da natureza (Figura 6).



**Fig. 6** Aldeia Moygu no Médio Xingu (Etnia Ikpeng): Mato Grosso – Brasil. (A) Abertura da flauta; (B) Festa furação da orelha; (C) (D) Ritual da tatuagem com espinho de tucum e fuligem de jatobá. Foto: Kawiago Txicão (nov/2008).

Exemplificando, somente após a apresentação dos seminários, foi possível encontrar respostas para as questões levantadas ao longo da disciplina, como: Para os Xavante, nunca é bom dormir só, pois potencializa a tristeza, mesmo as avozinhas – quando viúvas – tem sempre netos para cuidar durante a noite e aquecer a solidão. Para as etnias Bakairi e Ikpeng a pintura corporal efetuada com o urucum proveniente das taperas das aldeias velhas, além de embelezar homens e mulheres serve como proteção espiritual das crianças. Entre a etnia Xavante, para o filho (homem) se tornar “Ritéi’wa” (adulto), deve deixar a casa dos pais por cinco anos, morando com outro grupo (Figura 7). Dois costumes dessa etnia são a utilização do barro (“ti’a”), das profundezas dos brejos, como remédio

cicatrizante de feridas, e o uso da argila de cores branca, vermelha e preta, para caracterização dos padrinhos através de pintura corporal na festa tradicional “Danhono”.



**Fig. 7 Aldeia Sangradouro (Etnia Xavante): Mato Grosso – Brasil. (A) Casa tradicional de planta circular; (B) Futuros “Ritéi’wa”. Foto: Gaspar (mar/2010).**

A forma como a etnia Paresi explica - talvez num processo de transe - a condição em que se encontra a natureza, envolvida por extensas plantações de soja no seu entorno, através da relação com os espíritos das árvores e da soja é simplesmente sublime (Figura 8).



**Fig. 8 Aldeia Rio Verde (Etnia Paresi): Mato Grosso – Brasil. (A) Casa tradicional “Atyutyu Hama” com os mortos “Kamat” enterrados em seu interior. (B) Sr. Pedro (98 anos) cacique dos caciques Paresi com amostras de rochas desde a formação de seu povo. Foto: Gaspar (jan/2009).**

### 3 ALDEIA CIDADE – REFLEXÕES

De maneira geral a organização das aldeias é de forma circular, com a entrada das casas voltadas para o centro sendo que, entre os Xavante, sua posição relativa não mantém uma relação fixa preestabelecida com os pontos cardeais. Quanto a forma das casas, ela varia entre as etnias: Para os Paresi elas são elípticas, e nesse caso sim, com as portas e as redes de dormir voltadas para o nascer do sol (E) “onde moram os espíritos bons” e oeste (W) “onde ficam os espíritos maus”. No centro da aldeia, para a etnia Tapirapé, situa-se a casa cerimonial dos homens “Takãra”, para os Paresi ela é chamada de casa das flautas, mas também de casa dos homens ou da jararaca (Figura 9).



**Fig. 9 Aldeia Rio Verde (Etnia Paresi): Mato Grosso – Brasil. (A) Casa dos homens, da flauta ou da jararaca, com aproximadamente 2,0 m de altura e largura e 4,0 m de comprimento. (B) Serpente que no momento da visita estava “guardando” a aldeia dentro da casa das flautas. Foto: Gaspar (jan/2009).**

Para a etnia Ikpeng do Médio Xingu (Mato Grosso – BR) , as casas tradicionais, que também enterram os corpos de seus familiares mortos, comportam em torno de 5 famílias (aproximadamente 35 pessoas). Chamadas de casas de cocar “Tarokem”, com estrutura de madeira pindaiba e cobertas de palha de injá e sapé, seguem os preceitos arquitetônicos de influência Kaiabi e Ikpeng tradicional. Também são dispostas em círculo em torno de um pátio central, atualmente ocupado pelo campo de futebol, conforme apresentado na Figura 6. Em dias de festas podem abrigar até 200 pessoas. Não há preocupação quanto a posição da única porta de entrada da casa em relação ao nascer do sol (Figura 10).



**Fig. 10 Casa tradicional considerada de porte médio na Aldeia Moygu no Médio Xingu (Etnia Ikpeng): Mato Grosso – Brasil. Foto: Korotowi Taffarel (jan/2010).**

Na Aldeia Moygu (Ikpeng), em janeiro de 2010 moravam 52 famílias, com total de 168 indivíduos. Liderada por um cacique e seus conselheiros, composto de anciões, pajés, cantores, artesão, três representante de professores, três representantes de saúde, seis representante de mulheres. Fato interessante relatado é que todos os jovens homens da etnia Ikpeng recebem a incumbência – em seu processo de formação para a vida – de

costruir uma casa após aprender os conceitos de planejamento (disposição das casas), arquitetura (forma), materiais e esforços (engenharia) com os anciões da tribo.

Observa-se que, além daquelas 15 etnias que moram no Xingu (Ikpeng por exemplo) onde está presente a vegetação da floresta amazônica mas principalmente para as etnias que moram na região do cerrado mato-grossense (Xavante, Paresi, dentre outras), onde existe escassez de carne de caça devido a ocupação das terras lindeiras por pastos e extensas plantações de soja, as roças passaram a ser imprescindíveis para a base da alimentação. Tais roças produzindo mandioca, abacaxi, milho, abóbora, banana, juntamente com as cestas básicas fornecidas pelo governo federal, passaram a ser o alimento essencial por exemplo para as etnias Xavante e Paresi. Localizam-se a menos de um quilômetro atrás das casas e são acessadas por trilhas. As mesmas que dão acesso aos locais na mata que servem como banheiro e aos córregos e rios para os frequentes banhos diários. Observou-se, na etnia Paresi e entre os Tapirapé, o plantio de árvores frutíferas e plantas medicinais bem próximo às casas.

Pelos resultados dos desenhos, observações e visitas às aldeias pode-se verificar que, as casas – principalmente aquelas tradicionais – são construídas de forma a integrá-las nas comunidades às quais pertencem, e não apenas para proteger seus habitantes. Observou-se que, salvo algumas etnias muito próximas às áreas urbanas, seus membros não dissociam sua aldeia da mata do entorno. É como se eles fizessem parte da floresta, crescendo junto com ela. Talvez nessa linha de raciocínio pode-se analisar a implicação da histórica transmutação periódica das aldeias e as consequências que esse fato pode acarretar para a comunidade. De antemão observa-se que os integrantes da aldeia têm uma facilidade muito grande em se adaptar aos novos habitats, existindo uma identificação muito grande com o lugar onde moram, com a terra que o alimenta e o “acalenta” (Figura 11).



**Fig. 11 Aldeia Moygu no Médio Xingu: Mato Grosso – Brasil. Foto: Kawiago Txicão (nov/2008).**

Quanto à importância do ambiente ocupado, concordamos com Novaes (1983, p.7) quando diz que “as sociedades indígenas estão extremamente adaptadas ao meio ambiente em que vivem e podem perfeitamente prescindir de nossas (não-índio) boas intenções.” Comparando como as sociedades constroem seus espaços, podemos avaliar as arbitrariedades cometidas contra grupos indígenas, quer sejam projetos megalômanos em

áreas limítrofes que não garantem a segurança ambiental ou mesmo a simples indiferença àqueles que são lídimos das terras ou o reducionismo dado às suas questões sociais.

Retomando a frase “Minha casa está viva” observamos que o interior da casa, o *locus* de criação para as mulheres, o local de repouso, do aconchego e das intimidades, o abrigo seguro e local de acesso para todas as crianças – que desconhecem locais proibidos (Figuras 12 e 13) – é entendida como um local de sonhos, onde os Xavante recebem a visita das almas de seus parentes mortos que lhes trazem ensinamentos e inspiração. Ou ainda, considerada para os Ikpeng, como o centro de produção de ensinamentos, onde anciões sábios são convidados para instruir os mais jovens a importância do respeito à família e à natureza, não só pela experiência, mas também pelos sussurros obtidos “através dos ouvidos” nas casas tradicionais.



**Fig. 12 e 13 Crianças da Aldeia Sangradouro (Etnia Xavante): Mato Grosso – Brasil. Foto: Gaspar (mar/2010).**

#### 4 REFERÊNCIAS

Freire, P. (1982) **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** Cortez, São Paulo.

Gambini, R. (2000) **Espelho Índio: a formação da alma brasileira.** Coord. Mary Lou Paris, Caio Gugelmas. Axis Mundi e Terceiro Nome (eds.), São Paulo.

Gaspar, W. J. (2009) Se ninguém me perguntar eu sei, mas quando me perguntam..., in **Faculdade Indígena Intercultural. Cadernos de Educação Escolar Indígena.** 1 ed. Barra do Bugres: UNEMAT, v. 7, Barra do Bugres.

Lévi-Strauss, C. (1975) **Antropologia Estrutural.** Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

Novaes, S. C. (1983) Introdução, in **Habitções indígenas.** Sylvia Caiuby Novaes (org.). Nobel: Ed da Universidade de São Paulo, São Paulo.